Linfoma: terapia que custa até R$ 4 milhões pode combater alguns tipos da doença que matou Netinho

Tratamento utiliza células de defesa modificadas geneticamente para atacar o câncer; pesquisas brasileiras buscam ampliar o acesso pelo SUS.

13 out 2026 - 17h06 (atualizado às 17h08) Compartilhar Exibir comentários

Por: **Redação Terra**

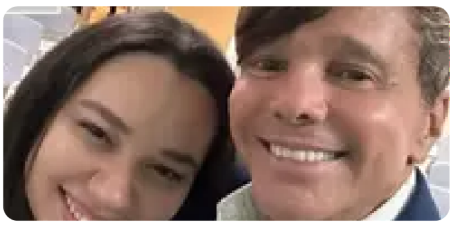
Linfoma não Hodgkin: entenda o câncer que matou Netinho
Foto: Divulgação

A terapia CAR-T, utilizada para combater determinados tipos de linfoma, pode custar até R$ 4 milhões, considerando o medicamento e as despesas hospitalares. A tecnologia é uma alternativa para pacientes que não responderam a tratamentos convencionais. A doença ganhou atenção após a morte do cantor Netinho, nesta terça-feira, 13, aos 60 anos.

> *Receba as principais notícias direto no WhatsApp! Inscreva-se no canal do Terra*

O artista enfrentava um linfoma não Hodgkin de células B, que evoluiu para falência renal e disfunção múltipla de órgãos, segundo a equipe. Não há, porém, nenhuma informação de que o cantor tenha recebido a terapia CAR-T.

Notícias relacionadas



Quem são os herdeiros do cantor Netinho? Artista deixa filha única

Netinho adotou celibato e causou polêmica ao criticar comunidade LGBTQIA+ depois de ser assumir…

Linfoma não Hodgkin: entenda o câncer que matou Netinho

Segundo a hematologista Lisa Ricci, do Instituto de Oncologia de Sorocaba (IOS), a terapia já é utilizada em pacientes com determinados linfomas, mieloma múltiplo e leucemia linfoide aguda que não responderam aos tratamentos anteriores ou apresentaram recaída.

O tratamento utiliza células de defesa do próprio paciente, chamadas linfócitos T, que são retiradas do sangue e modificadas geneticamente em laboratório para reconhecer e atacar células cancerígenas. Depois de multiplicadas, elas são introduzidas novamente no organismo.

> *"É como se a gente ensinasse o sistema imunológico a identificar e atacar as células cancerígenas", explica a médica.*

A especialista ressalta que a CAR-T não funciona para todos os pacientes. A indicação depende das características do câncer, dos tratamentos anteriores e das condições clínicas de cada pessoa.

A tecnologia já possui medicamentos aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), mas ainda não integra a oferta regular do Sistema Único de Saúde (SUS).

Uma pesquisa brasileira divulgada em junho apresentou resultados preliminares de resposta ao tratamento em 87,5% dos pacientes com linfoma que haviam passado por outras terapias sem sucesso. O estudo é desenvolvido pelo Hemocentro de Ribeirão Preto (SP), em parceria com o Instituto Butantan e o Ministério da Saúde. O percentual não representa uma taxa de cura.

Por que custa milhões?

Em junho, o Ministério da Saúde informou que uma terapia semelhante custava aproximadamente R$ 2,5 milhões na rede privada brasileira. Os valores variam conforme o produto utilizado e as despesas hospitalares.

O custo elevado está relacionado principalmente à produção individualizada. Diferentemente de medicamentos fabricados em larga escala, a terapia utiliza células coletadas de cada paciente.

"O principal motivo do alto custo é que estamos diante de um tratamento altamente personalizado", afirma Lisa. Segundo a hematologista, o procedimento exige tecnologia avançada, laboratórios especializados, profissionais capacitados e uma logística complexa. As células passam por modificação genética, multiplicação e testes de qualidade antes de serem aplicadas.

> *"Não é uma terapia que funciona para todos os pacientes ou para todos os tipos de câncer. A indicação depende das características da doença, dos tratamentos que já foram realizados e das condições clínicas do paciente", complementa.*

PUBLICIDADE

Para reduzir os custos, o governo federal investe no desenvolvimento de versões nacionais da CAR-T. Em setembro, o Ministério da Saúde anunciou a criação de um laboratório no Ceará, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), para produzir células destinadas ao tratamento.

Lisa afirma que a ampliação do acesso depende do fortalecimento das pesquisas brasileiras, da produção nacional para reduzir custos e da estruturação de centros especializados, com equipes capacitadas.

"Só assim poderemos ampliar o acesso ao CAR-T e tornar essa terapia uma realidade para os pacientes do SUS", disse.